

Museu do Som e da Imagem

Vitor Nogueira

Director do Museu do Som e da Imagem



O Museu do Som e da Imagem é um projecto que começou a nascer em 2002. Entretanto passaram cinco anos e esse projecto foi amadurecendo. Supostamente o Museu do Som e da Imagem abrirá as suas portas no próximo mês de Janeiro. Obviamente, não me compete anunciar a data ou escolhê-la, até porque não represento suficientemente as instituições em causa. Mas parece-me que não é irresponsável dizer-se que está tudo pronto no sentido de podermos contar com a abertura desse espaço museológico logo no princípio de 2008, se assim for entendido pelo Conselho de Administração da empresa municipal que o vai gerir.

Nesta intervenção gostaria de apontar alguns motivos que nos possam remeter para a resposta à seguinte pergunta: “porquê um museu do som e da imagem em Vila Real?” Em primeiro lugar, talvez valha a pena olhar para o panorama museológico nacional no que diz respeito a esta matéria. Temos em Portugal três espaços principais com envergaduras diversas. Desde logo a Cinemateca, que possui, entre outras coisas, um acervo importantíssimo. No entanto, por razões diversas, e até certo ponto compreensíveis, tarda em fazer avançar o seu próprio museu do cinema. É evidente que se espera muito de uma instituição como a Cinemateca, mas entende-se paralelamente que esse projectado espaço museológico seja complexo e, por isso, acarrete responsabilidades redobradas. Assim, é natural que ainda passe algum tempo até termos um verdadeiro museu nacional em funcionamento, nesta área.

Além da Cinemateca podemos distinguir dois outros projectos que considero muito importantes, a uma escala municipal: o Museu do Cinema, em Melgaço, e o Museu da Imagem em Movimento, em Leiria. São de facto projectos bastante interessantes, que têm procurado ocupar espaços diversos e, passe a redundância, fazer avançar propostas diferentes numa área museológica que é comum. Olhando para o panorama museológico relacionado com esta matéria, apenas encontramos talvez dignos de registo mais alguns pequenos núcleos museológicos, independentemente de terem (e em certos casos têm) um assinalável interesse.

É, portanto, em 2002 que surge esta ideia de constituir em Vila Real, não nessa altura um museu, mas justamente um núcleo museológico, um pouco à semelhança do que acontece em algumas casas de espectáculos do País. Aliás, este é um modo habitual de certos teatros e cine-teatros conseguirem recuperar um pouco a sua memória, expondo-a (em muitos casos de forma digna, mas ocupando um espaço pequeno e não tendo objectivos mais vastos do que a evocação de um passado). Ora, esse projecto inicial de um núcleo museológico dedicado ao som e à imagem aparece numa altura em que se começou a pensar como é que iria funcionar a estrutura de programação daquele que viria a ser, a partir de 2004, o Teatro de Vila Real.

Então porquê esse salto, porquê passar de um núcleo museológico para um museu? Foi um salto assumido há pouco mais de um ano. E essa mudança na orientação do projecto, com um pouco mais de ambição, deve-se sobretudo à importância do acervo que entretanto conseguimos. Acho que não devemos pensar pequenino, para usar uma expressão corrente do nosso vocabulário, e a partir de determinada altura percebeu-se com clareza que estávamos a pensar pequenino.

O acervo que entretanto temos vindo a reunir resulta de uma série de circunstâncias felizes, a primeira das quais tem que ver com uma tradição muito grande em Vila Real, relacionada com as casas de espectáculos. De facto, Vila Real tem tido desde a primeira metade do século XIX importantes casas de espectáculos, à escala pelo menos regional, e tem nessa matéria conseguido manter-se, mesmo em termos técnicos e em termos relacionados com áreas como a criação, a um nível muito interessante.

Em 1846, surge o chamado Teatro Velho ou Teatro de Camilo, na altura designado Teatro de Vila Real. (Curiosamente é também este o ano em que aparece o Teatro Nacional D. Maria II — assim chamado hoje —, criado por Almeida Garrett.) É conhecido por Teatro de Camilo porque está relacionado com a figura e o percurso de Camilo Castelo Branco. Camilo escreve em Vila Real o seu primeiro drama histórico, *Agostinho de Ceuta*, justamente em 1846, que viria a ser publicado, no ano seguinte, em Bragança. Nessa altura não havia uma tipografia em Vila Real. Ainda antes de publicada, a peça foi levada à cena nesse primeiro teatro vila-realense, num edifício adaptado para o efeito.

O Teatro Velho, vamos chamar-lhe assim, mantém-se em funcionamento desde 1846 até 1885. É, de certa forma, substituído pelo Teatro-Circo, por seu turno inaugurado em 1892, e que prolonga a sua actividade até 1957, sendo certo que já desde 1930 a importância do Teatro-Circo de Vila Real estava a ser absorvida pelo Teatro Avenida, inaugurado nesse ano. Este último mantém-se activo até 1979, altura em que é sujeito a grandes obras que o transformam e lhe fazem mudar o nome, para Cine-Teatro Real. Acabaria por encerrar já na década de 1990.

É claro que aqueles três espaços são fundamentais para se compreender a história das casas de espectáculos em Vila Real. Não quero dizer que não tenham existido mais (e existiram, também importantes), mas de facto foram casas que tiveram um impacto muito inferior na vida sociocultural da cidade e da região.

Mas isto, só por si, não chega para justificar a importância do acervo que entretanto foi conseguido. Há muitas outras terras que têm casas de espectáculos, como é óbvio. Acontece que, felizmente, chegaram até nós muitos equipamentos de alguns daqueles teatros. Por exemplo, do Teatro Avenida e do Teatro-Circo chegaram equipamentos muito interessantes do ponto de vista museológico. E chegaram por uma via institucional, o que neste campo facilitou a tomada das decisões. Em 1999, por exemplo, quando a Câmara Municipal de Vila Real adquiriu o edifício do antigo Teatro Avenida, em cujo chão foi entretanto edificado o Conservatório Regional de Música, verificou-se que havia muita maquinaria em relativo bom estado de conservação. E é esse conjunto que está também na génese do projecto de um núcleo museológico. Como entretanto esse acervo original cresceu bastante, achámos que deveríamos avançar de uma forma mais corajosa, para o projecto de um museu.

Talvez valha a pena chamar ainda a atenção para um aspecto que me parece igualmente importante. Neste conjunto de circunstâncias felizes, encontra-se uma outra tradição, esta bastante mais recente, sobretudo do ponto de vista institucional, embora muito antiga do ponto de vista da relação entre as pessoas. Essa tradição tem a ver com as tertúlias que em Vila Real se foram fazendo ao longo das épocas. Julgo que sabem que desde que o Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real abriu portas, há dez anos, avançou-se, por iniciativa sobretudo de Elísio Amaral Neves, para aquilo a que se chamou oficialmente Ciclo História ao Café (ou, mais comumente, a Tertúlia do Museu). Aí foi cultivado, durante quase uma

década, um sentimento de pertença à comunidade, e de forma nada provinciana. Isso também fez com que, entretanto, muitas famílias, muitos colecionadores, quando contactados, se mostrassem receptivos quanto à ideia de colaborar com a equipa que tem estado a trabalhar no projecto do Museu do Som e da Imagem.

E, de facto, o acervo que resulta das colecções particulares é neste momento indispensável. Algumas peças foram-nos confiadas a título de depósito, outras desencadearam mesmo processos de doação. E, assim, o acervo do futuro Museu do Som e da Imagem pode dividir-se talvez em três ou quatro categorias. Por um lado, a que corresponde à maquinaria teatral, aos equipamentos de som, de luminotécnica, algum mobiliário. Por outro lado, um conjunto de peças relacionadas com a imagem em movimento, o pré-cinema, o cinema. E depois ainda a secção da fotografia e dos equipamentos fotográficos, que se liga também ao conceito de arquivo audiovisual, cujo objectivo passa por recolher (salvar, no sentido mais lato do termo) muitos registos ligados à história da cidade e da região.

De resto, o Museu do Som e da Imagem pretende partir de dentro para fora; isto é: da história da cidade para a história do mundo, nesta área. Julgo que aí poderá estar, em grande medida, a sua força, quando comparado com o panorama museológico nacional ligado a esta temática. Por exemplo, uma máquina de projectar só nos interessa verdadeiramente como ponto de partida se for uma máquina que, em simultâneo, tenha passado pela história da cidade. Tem sido nossa preocupação que o acervo que constitui a coluna dorsal sirva não só para ilustrar a própria história, por exemplo do cinema, mas sobretudo para ajudar a compreender em paralelo uma história da cidade ligada a esta matéria, sem qualquer tacanhez do ponto de vista dos objectivos.

O Museu vai ser instalado numa parte do edifício do Teatro de Vila Real, numa área total que abrange cerca de 600 m². A área fundamental do ponto de vista do visitante é a que corresponde à actual sala de exposições do Teatro, situada no piso do *foyer* principal. É uma sala relativamente grande, com 300 m², e que permite uma utilização bastante desafogada do próprio espaço, uma vez que essa projectada coabitação permite a partilha de infra-estruturas diversas, desde a recepção às casas de banho. Além disso, gostaríamos de fazer avançar em 2008 um centro de documentação e um arquivo audiovisual que possam estar à disposição dos investigadores. E para isso estamos a adaptar um espaço, também muito

próximo daquela zona, com cerca de 80 m². Há ainda outros espaços do edifício do Teatro Municipal que vão ser destinados especificamente para o Museu, designadamente para armazenamento e oficinas.

Isto remete-me para a parte final da minha intervenção, que tem que ver sobretudo com a gestão do novo equipamento cultural, uma gestão que se quer próxima da do Teatro, mas ao mesmo tempo que salvasse a autonomia de ambas as instituições. Não me parece que o novo equipamento possa impor-se facilmente, do ponto de vista cultural e institucional, se tiver por cima de si a carga demasiado paternalista do Teatro de Vila Real. Acho que o Museu do Som e da Imagem tem pernas para andar e deve usá-las. Isso implica que a sua gestão tenha de ser autónoma, sendo certo que há-de estar igualmente a cargo da empresa municipal que gere o Teatro: a Culturval – Gestão de Equipamentos Culturais de Vila Real. Penso que o Museu do Som e da Imagem lucrará com este modelo, tendo em conta simultaneamente a articulação entre os espaços, a flexibilidade e a economia de escala.

Tudo isto sem prejuízo de uma rede municipal de museus, que avançará a partir do início do próximo ano e que foi já aprovada pela Câmara Municipal, integrando o Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real, o Museu da Vila Velha (em fase final de construção) e o Museu do Som e da Imagem. Insisto: a economia de escala, a rentabilização de recursos humanos e técnicos pode ser acentuada por processos desta natureza. Seja pela articulação entre o Museu do Som e da Imagem e o Teatro de Vila Real, seja através da rede municipal de museus, capaz de tirar partido dos recursos (neste caso sobretudo humanos) que possam estar à disposição de interesses comuns e partilháveis.

Terminaria evidenciando o facto de o Museu, tirando partido das valências do espaço que lhe está destinado, abrir diariamente das 14h00 às 24h00. O nosso objectivo do ponto de vista quantitativo, embora isto seja sempre muito secundário, é chegar pelo menos aos 12 mil/15 mil visitantes num primeiro ano. Sei que é um número simpático pelos padrões regionais, mas note-se que não é sequer um número muito ambicioso, se considerarmos que este edifício recebe cerca de 270 mil visitantes por ano. Neste particular, o nosso trabalho passará naturalmente por tentar apanhar uma parte considerável desse fluxo de pessoas, contribuindo paralelamente para que também outras venham doravante ao Teatro motivadas, num primeiro momento, pelo Museu.